



Recriando Mundo(s)¹

Recreating the World(s)

Giseli do Prado Siqueira*
Adriana Andrade de Souza**

Resumo

Criado em 2007, o Projeto de Extensão “Oficinas Itinerantes: recriando mundo(s)”, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus de Poços de Caldas, é uma experiência indissociável de pesquisa, ensino e extensão. Com esse título “recriando mundos” buscamos expressar a própria experiência que nos tem sido possível vivenciar ao longo dos anos de realização desse projeto. Nossa experiência está teoricamente referenciada pela compreensão que os pensadores alemães Mestre Eckhart (1260-1327) e Martin Heidegger (1888-1976) apresentam acerca do que é o ser humano em sua existência. Tal compreensão se exprime no fenômeno da serenidade (*Gelassenheit*), compreendido como um deixar ser o que simplesmente somos. As nossas pesquisas sobre esse fenômeno da *Gelassenheit* (serenidade) norteiam as relações que estabelecemos com a comunidade externa e nos levam a compreender que a existência do ser humano, na sua condição essencial, é uma existência compartilhada. O outro se impõe a nós sem que nós possamos deixar de ser solidários aos seus medos e angústias, pois esses mesmos medos e angústias são também possibilidades nossas. Essa relação de consideração faz de todos nós (professores, alunos, comunidade) solidários em nossa angústia existencial diante do inesperado, do desconhecido. É quando nós podemos nos visualizar, através do outro, naquilo que verdadeiramente somos e podemos ser.

Palavras-chave: Solidariedade. Serenidade. Fazer artesanal. Formação humanística.

Abstract

Created in 2007, the project extension Itinerant Workshops : recreating the world (s) of the Catholic University of Minas Gerais , Campus Poços de Caldas is an inseparable experience in research of teaching and extension. With this title " recreating worlds " seek to express the experience that has been possible for us to live over the years of execution of this project . Our experience is theoretically referenced by understanding that German thinkers Meister Eckhart (1260-1327) and Martin Heidegger (1889-1976) shows us about what is the man in they on existence. Such an understanding is expressed in the phenomenon of serenity (*Gelassenheit*) , let it be understood as simply what we are . Our research on this phenomenon *Gelassenheit* (Serenity) , guide the relationships we establish with the external community , where we understand that the existence of man in his essential condition , is a shared existence. The other is imposed on us and we never fail to be sympathetic to their fears and anxieties , because these same fears and anxieties are also ours possibilities . This relationship of consideration makes us all (teachers , students , community) solidarity in our existential angst before the unexpected, the unknown . It is when we can see ourselves through another , in what we truly are and can be.

Keywords – Solidarity. Serenity. Handmade. Humanistic education.

Comunicação submetida em 31 de março de 2014 e aprovada em 17 de junho de 2014.

¹ Trabalho apresentado no VIII Seminário de Extensão Universitária, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

* Doutora em Ciência da Religião (UFJF) e professora Adjunto IV da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: giseli@pucpcaldas.br

** Doutora em Ciência da Religião (UFJF) e foi professora da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: driansou@bol.com.br

Introdução: O projeto e seus desdobramentos

O Projeto de Extensão “Oficinas Itinerantes: recriando mundo(s)” foi criado em 2007, numa parceria estabelecida entre a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus de Poços de Caldas, e a Prefeitura Municipal de Poços de Caldas, especificamente com a Secretaria Municipal de Promoção Social. Os trabalhos são subsidiados teoricamente pelo sistema preventivo (BOSCO, 2005, p. 4)² e pela metodologia dos jogos cooperativos (ORLICK, 1989, p. 123)³, privilegiando a reflexão ética, cidadã e a responsabilidade social, como pontos fortes da formação dos participantes. Obteve-se a participação assídua nos encontros semanais, na formação de grupo de artesãs, na comercialização informal de produtos, confeccionados a partir das oficinas, e inscrição de algumas participantes em oficinas de aprimoramento artesanal.

Com o resultado positivo dessa intervenção e a aprovação do projeto de extensão, pela Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas, a partir de 2010, tornou-se possível realizar a parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Poços de Caldas para atuarmos com crianças e adolescentes, que integram o Programa Municipal da Juventude nos núcleos de Recriação, município de Poços de Caldas/MG, e ao longo desses anos oferecer oficinas que ressaltaram a formação cidadã e o desenvolvimento de habilidades manuais.

Houve ampliação do projeto com a demanda do Grupo de Mulheres do Bairro Maria Imaculada, possibilitando o surgimento do “Grupo Tramas e Fuxicos”, onde as integrantes aprenderam técnicas de artesanato, resgataram os bordados da “vovó” e participaram dos seguintes cursos: corte e costura, formação

² O Sistema Preventivo é uma experiência educativa desenvolvida por Dom Bosco (1815-1888) baseado na ação e reflexão, estruturando-se a partir de um humanismo otimista, da religiosidade integradora e unificadora, da promoção integral a serviço de um projeto social, consolidado na metodologia do amor educativo para a vivência da razão, religião, *amorevolezza* (amor, carinho, bondade e presença), ambiente educativo familiar, da assistência-presença, da disciplina sem castigos e do programa educativo. (BOSCO, 2005).

³ Compreende-se aqui a metodologia dos jogos cooperativos como: “atividade física essencialmente baseada na cooperação, na aceitação, no envolvimento e na diversão, tendo como propósito mudar as características de exclusão, seletividade, agressividade e exacerbação da competitividade, predominantes na sociedade e nos jogos tradicionais.” (ORLICK, 1989, p. 123).

de grupo e empoderamento feminino, higienização doméstica e, em parceria com o Sebrae, do curso de empreendedorismo na área de confecção e têxtil.

Em 2013 também estabelecemos parceria com outros projetos oferecendo oficinas de atividades manuais em Clínicas de Recuperação: em drogas e álcool, pacientes oncológicos assistidos pela Associação do Voluntariado Contra o Câncer (AVOOC), e mulheres detentas do Presídio de Poços de Caldas.

Para o desenvolvimento das várias frentes de atuação – crianças e adolescentes, mulheres, internos de clínicas de recuperação de drogas e álcool, pacientes oncológicos e mulheres detentas –, inicialmente, divulgamos a proposta nas salas de aula, através das disciplinas de Cultura Religiosa, e realizamos uma capacitação com alunos(as) interessados em serem voluntários(as). De acordo com a disponibilidade, afinidade e interesse dos universitários extensionistas voluntários, dos vários cursos de graduação do campus de Poços de Caldas, organizamos os grupos de atuação e passamos a desenvolver o trabalho de campo. As reuniões periódicas e o assessoramento nos permitiram planejar, replanejar e avaliar de acordo com as necessidades e potencialidades de cada grupo de trabalho.

1 Recriando mundo(s) ou o mundo como tarefa de realização

À guisa de esclarecimento prévio, cumpre-nos observar que a ideia de “mundo”, contida no título desse projeto, não se confunde com o que habitualmente chamamos de mundo, ou seja, “a soma de todas as coisas materiais e não materiais dentro de um espaço físico determinado”. Não compreendemos “mundo” como coisa física e geográfica. Essa expressão no título quer dizer, fundamentalmente, possibilidade de ser do ser humano. E, nesse sentido, quando dizemos “recriando mundo (s)”, compreendemos a ideia que “o mundo” não é nenhuma coisa já feita, pronta e acabada, mas um horizonte de possibilidades de ser que se abre para o ser humano, como uma tarefa a ser realizada. Dispor-se a essa tarefa – que é o que principalmente nos propomos com esse projeto – é ser

capaz de perceber que o mundo que nos cerca pode e deve ser recriado, redimensionado a partir das relações que com ele estabelecemos. Que, ao recriarmos o mundo, ou seja, ao descobrirmos nele um novo modo possível de ser, recriamos a nós mesmos, e redimensionamos o sentido da nossa própria existência.

Com esse título, portanto, buscamos expressar a própria experiência que nos tem sido possível vivenciar ao longo dos anos de realização desse projeto. Essa nossa experiência está teoricamente referenciada pela compreensão que os pensadores alemães Mestre Eckhart (1260-1327) e Martin Heidegger (1888-1976) nos apresentam acerca do que é o ser humano em sua existência. Tal compreensão se exprime na noção de serenidade (*Gelassenheit*). Mas, o que quer dizer exatamente esse termo? Heidegger descreve a serenidade como uma sabedoria que não sabe que o mundo está fechado num único modo possível de ser, justamente por saber que ele é todo possibilidade. O próprio Heidegger nos aponta Mestre Eckhart como sendo a fonte da palavra serenidade (*Gelassenheit*). Não cabe nesse espaço discutir o que separa Eckhart de Heidegger. Importante é destacar que o essencial do legado eckhartiano está nessa virtude da serenidade (*Gelassenheit*), compreendida como certa forma de pobreza, de abandono. Tanto para Eckhart quanto para Heidegger, a existência humana, naquilo que ela tem de mais essencial, é fundamentalmente pobre. Pobre porque, em seu existir, ela nada é em si mesma e, por não ter a si mesma, precisa sempre buscar-se, reconquistar-se. Ser pobre é deixar ser essa nossa experiência, de ser a cada vez e sempre de novo, um novo começo com o mundo.

As nossas pesquisas sobre esse fenômeno da *Gelassenheit* (serenidade) – fenômeno que tanto para Eckhart quanto para Heidegger traduz a própria expressão do Sagrado – norteiam as relações que estabelecemos com a comunidade externa, de onde compreendemos que a existência do ser humano, na sua condição essencial, é uma existência compartilhada. Ao nos relacionarmos com a comunidade externa, partimos do princípio que compartilhamos com ela o mesmo mundo e que, fundamentalmente, estamos fadados à mesma condição de ser. Esse nosso encontro com o outro (com a comunidade externa) se revela sempre como

uma experiência de encontro conosco mesmo, pois o outro se impõe a nós como uma possibilidade nossa, como “um outro” de nós mesmos. O outro se impõe a nós sem que possamos deixar de ser solidários aos seus medos e angústias, pois esses mesmos medos e angústias são também possibilidades nossas. Essa relação de consideração faz de todos nós (professores, alunos, comunidade) solidários em nossa angústia existencial diante do inesperado, do desconhecido. É quando nós podemos nos visualizar, através do outro, naquilo que verdadeiramente somos e podemos ser.

O outro, a que nos referimos, são as crianças e adolescentes, são as mulheres do bairro Maria Imaculada, são os internos de clínicas de recuperação de drogas e álcool, são os pacientes oncológicos e as mulheres detentas. Nessa nossa experiência de encontro com o outro se realiza “um mundo”, se compreendermos que a realização do mundo é a nossa própria realização. Ou seja, o mundo ganha determinação em função das possibilidades que nós realizamos. Essa realização não acontece sem que estejamos junto às coisas, aos outros e a nós mesmos.

Pensando nesse desvelamento das relações, optamos por reger nossas atividades junto à comunidade pelo princípio da reciclagem. Nosso objetivo, porém, não foi simplesmente ensinar às pessoas da comunidade técnicas de reaproveitamento de materiais, mas muito mais do que isso, ensiná-las – a partir da experiência do próprio fazer artesanal – que as coisas não estão feitas, prontas e acabadas, mas elas se descobrem em uma nova possibilidade de ser, a partir da relação de uso que com elas estabelecemos. Assim, por exemplo, o lixo, que quase sempre é imediatamente julgado por sua miséria descartável, é recriado e transformado em bonecos, caixas, enfeites, bijuterias etc. Através desse fazer criativo, ensinamos, e ao mesmo tempo aprendemos, que nada está absolutamente pronto, nem as coisas, nem o mundo, nem nós mesmos. E que, por não estarmos prontos, precisamos sempre nos buscar, nos redescobrir, nos recriar.

Vivenciando essa experiência da existência duas senhoras moradoras do bairro Maria Imaculada (Dona Glória e Dona Maria Teresa) nos relataram a alegria que sentiram, ao contemplarem em casa o apetrecho por elas mesmas produzido (um descanso de panela feito de retalhos e tampinhas de garrafa). Ao visualizarem o apetrecho, ao mesmo tempo, elas como que se visualizavam naquilo que são e podem ser. Dona Tereza nos falava ainda da alegria de poder contemplar e dizer “Eu fiz”. É como se ela soubesse, ainda que não teoricamente, que a vida é um eterno fazer-se, um eterno processo criador, e que nem as coisas, nem o mundo, nem nós mesmos estamos cristalizados como isto ou aquilo. E isso era o mais importante para nós: que as pessoas compreendessem – não teoricamente, mas no próprio fazer – o que é a existência enquanto pura possibilidade de ser.

Devolvendo vida à teoria, vivenciamos e, ao mesmo tempo, deixamos vivenciar, a serenidade (*Gelassenheit*) da qual nos fala Eckhart e, depois, Heidegger. Serenidade que ecoa em nós pelo simples fato de sermos humanos, ou seja, pelo fato de ainda nos orientarmos desde dentro da tarefa de sermos o que somos. Essa condição, de termos sempre de fazer da nossa existência tarefa de ser, de termos de criá-la e recriá-la sempre de novo, constitui, para esses dois autores, a nossa mais radical pobreza, que é outro nome para a *Gelassenheit*. Pobreza e abandono não constituem mais uma instância somada às muitas outras instâncias que compreendem a totalidade da existência do homem – e, nesse sentido, não é simplesmente privilégio de uma classe social menos favorecida, pobre e abandonada. Na verdade, é toda condição humana que, por sua finitude, precisa cada vez e sempre de novo fazer-se no tempo e como tempo. As atividades artesanais, que compartilhamos com a comunidade, só têm sentido na medida em que elas expressam essa compreensão mais radical da nossa existência. Experienciamos, através dessas atividades, a própria dinâmica através da qual as coisas se descobrem – ao mesmo tempo, que nelas também nos descobrimos – como aquilo que precisa ser a cada momento recriado, ressignificado.

É no sentido mais radical dessa pobreza, constitutiva do nosso ser, que nos parece expressar o Evangelho citado por Eckhart: “Quem deixa todas as coisas

recebe por isso o cêntuplo.” (Mt 19,29). Deixar todas as coisas, isto é, deixar todas as determinações que cristalizam as coisas como isto ou aquilo – por exemplo, o lixo como aquilo que é descartável - para deixar que todas as coisas se descubram em novas possibilidades de ser, a partir do uso e manuseio que delas fazemos. Ao deixarmos todas as coisas, ou seja, todas as determinações das coisas e de nós mesmos, recebemos por isso “cem vezes mais”. A riqueza do “cem vezes mais” é real no sentido dessa pura possibilidade de ser, que diz mais profundamente o que somos, e o que são as coisas.

Deixar todas as coisas é experienciar a pobreza constitutiva do nosso ser. Mas, é por essa pobreza que se recebe “cem vezes mais”. Ou seja, se o homem na sua finitude se revela como um projeto a ser realizado, ele não é nada, não possui nada, é fundamentalmente pobre em si mesmo. Mas essa pobreza constitutiva é também sua maior riqueza, se considerarmos que, não sendo pronto, o ser humano precisa sempre de novo se lançar a novas possibilidades de ser no mundo. Podemos criar e recriar o nosso mundo. É isso que ensinamos e aprendemos quando vemos lixo, papel, retalhos “se descobrirem” em verdadeiras obras de arte. Para nós, esse processo artístico se descobre como lugar privilegiado de expressão de uma compreensão mais radical da nossa existência humana. Ao nos dispormos a esse fazer, não conseguimos mais determinar alguma coisa como isto ou aquilo, porque todas as coisas se descobrem numa relação viva com o possível – com o “cem vezes mais”. É o “fazer da infância”, na qual a criança constantemente cria e recria o mundo. Da infância (da vida) que vimos traduzida na imagem das crianças e adolescentes de um dos núcleos atendidos pelo Recriança, correndo ladeira abaixo, cada qual com seu cachecol colorido, lembrando-nos das belas palavras de Rilke:

Pois arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom. (RILKE, 2007. p. 192).

Assim, não nos interessa ensinar o fazer pelo fazer, mas fazer com que as crianças e adolescentes dos núcleos de Recriação do Programa Municipal de Juventude, as mulheres do Bairro Maria Imaculada – Grupo Tramas e Fuxicos, as detentas do Presídio de Poços de Caldas, pacientes oncológicos assistidos pela AVOOC e os internos das Clínicas de recuperação de drogas e álcool – aprendam com o próprio fazer artesanal, que o mundo pode ser sempre criado e recriado pelas nossas mãos, que ele é sempre um fazer, um vir a ser, nunca um fato, “nunca um fez”.⁴ É isso a serenidade: um certo ser no mundo, que ultrapassa uma relação determinada com as coisas. Para nós, professores, conhecer teoricamente esse fenômeno da serenidade, do qual nos fala Heidegger e Eckhart, é ao mesmo tempo – e indissocialmente – trazê-lo para dentro da vida vivida.

2 Conhecer e ao mesmo tempo aprender a viver

Na medida em que esse projeto de extensão tem nos concedido a possibilidade de compreender, na própria vivência, o conceito descrito por Eckhart e Heidegger, podemos dizer que a nossa experiência de educação é regida pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Partimos da compreensão que essa tríade traduz as diferentes esferas do conhecimento, em seu processo de criação dentro das Instituições de Ensino Superior. Vivenciar essa experiência, de inter-relação entre pesquisa, ensino e extensão, é contemplar o conhecimento na plenitude de suas dimensões, enquanto um processo crítico e criativo. Essa plenitude se expressa no sentido de uma não oposição entre a teoria e a prática, entre contemplação e ação. Ou seja, a teoria contemplada na pesquisa ganha vida na prática do ensino e da extensão, onde é continuamente revista e recriada. Teoria sem prática é experiência estática, isto é, imóvel na sua limitação de ser somente em função de si mesma. Por outro lado, prática sem teoria é ação vazia. O caminho da indissociabilidade entre a teoria (pesquisa) e a prática (ensino

⁴ Referência ao poema, de João Cabral de Melo Neto (1999), “Uma bailadora sevilhana”: *Quando era menina e moça / tinha comprida cabeleira / que me vinha até as cadeiras. / Me diziam: com essas tranças / não pode não voltar-se à dança. / Então, me ensinam a dançar. / Sou? O que não pude decorar. / Vendo famosa Bailadora: / ei-la apagada, quase mocha. / Não te agrada F... de Tal, / Que todo dia sai no jornal? / Não gosto: dança repetido; / dança sem se expor, sem perigo; / dançar flamengo é cada vez; / é fazer; é um faz, nunca um fez.*

e extensão) se abre para nós, professores e alunos, como a experiência de um ensino de graduação voltado para a descoberta e a produção do conhecimento, enquanto algo que está continuamente sendo revisto e recriado.

É assim que a extensão se desvela para nós como alguma coisa inerente à própria pesquisa. Ela não é uma etapa acrescentada à pesquisa, como se esta fosse realizada definitivamente e, só posteriormente, aplicada na extensão; a verdade é que a aplicabilidade é constitutiva da própria pesquisa, enquanto esta significar um processo de descoberta, transformação e construção do conhecimento. Ou seja, é próprio da pesquisa a interação com as múltiplas produções externas à Universidade. Não são só os conhecimentos são aplicados à realidade, mas também a realidade proporciona a descoberta e a criação de novos conhecimentos.

A partir desta perspectiva da indissociabilidade entre pesquisa e extensão, poderíamos dizer que na extensão saboreamos a concretude da experiência daquilo que Eckhart nos legou como um conceito, e que mais tarde Heidegger se apropriou, a saber, a serenidade (*Gelassenheit*).

Vivenciamos esta mesma experiência de indissociabilidade quando relacionamos pesquisa e extensão ao ensino. Vimos que a tese da indissociabilidade se sustenta na compreensão que o conhecimento é um processo crítico e criativo. É nessa dimensão de criação – própria da pesquisa, mas nem sempre reconhecida nela – que esta mesma pesquisa se mantém essencialmente relacionada ao ensino e a extensão. Refletindo sobre a pesquisa, no que diz respeito ao seu processo de produção, de criação, verifica-se que o ensino não se separa da pesquisa, pois o ensino deve ser reflexo da dinâmica de produção do conhecimento, sendo sempre e a cada vez uma nova descoberta para o aprendiz. Aprender significa descobrir, construir e transformar. E ensinar não é outra coisa senão “deixar aprender”. Ensinar não é passar fórmulas prontas, mas fazer com que o aluno aprenda “o próprio aprender”, de modo que ele se torne um sujeito ativo no processo de construção do seu próprio conhecimento. É o que nos fala Heidegger:

Com efeito, ensinar é ainda muito mais difícil que aprender. Se sabe disso muito bem, mas poucas vezes, o temos em conta. Por que é mais difícil ensinar que aprender? Não porque o mestre deva possuir um maior cabedal de conhecimentos e tê-los sempre à disposição. O ensinar é mais difícil que o aprender porque ensinar significa: deixar aprender. Mais ainda: o verdadeiro mestre não deixa aprender nada mais que “o aprender”. Por isso muitas vezes seu obrar produz a impressão de que propriamente não se aprende nada dele, se por “aprender” se entende apenas a obtenção de conhecimentos úteis. O mestre possui em relação aos aprendizes, como único privilégio, ter que aprender, todavia muito mais que eles: o deixar-aprender [...]. O mestre está muito menos seguro do que leva entre as mãos, que os aprendizes. Por isso, onde a relação entre mestres e aprendizes seja verdadeira, nunca entra em jogo a autoridade do sabe-tudo, nem a influência autoritária de quem cumpre uma missão. Assim sendo, continua sendo algo sublime o chegar a ser mestre, coisa inteiramente distinta de ser um docente afamado. (HEIDEGGER, 1964, p. 128).

O que se aprende quando “se aprende a aprender” é a própria liberdade de se dispor num fazer, numa ação, que é muito mais um redescobrir ou um recriar do que deixar-se convencer pela prova de conhecimentos úteis. Aprender a aprender é colocar-se nessa disposição de constantemente perder o fato, o feito em favor do fazer, do vir a ser, do criar e recriar. É ganhar o viço dessa ação de criar e recriar, que constitui a própria essência do homem. Apropriar-se disso é, para o aprendiz, um autoapropriar-se, um vir a ser o que se é, a saber, vida humana, ser humano. Nessa radical aprendizagem, a do aprender o aprender, o aprendiz precisa apropriar-se sempre de novo da sua própria essência, que é a liberdade de criar e transformar. O “deixar aprender”, do qual nos fala Heidegger, é a tarefa de manter sempre viva essa necessidade, porque é isso mesmo o realizar-se da liberdade, tanto do mestre quanto do aprendiz.

Contudo, só se pode “deixar aprender” se o mestre e o aprendiz estão abertos para o que realmente deve ser ensinado e aprendido: para o próprio existir. O mestre deve “deixar aprender”, deve dispor para o aprendiz a dinâmica mesma da existência que o mantém. Dinâmica através da qual a existência se mostra na sua forma mais essencial: aquela que a revela como um puro poder ser. Mas, o próprio mestre só se torna disponível para essa dinâmica essencial se ele mesmo perder, esquecer, desaprender o que ele tem definido como já dado e estabelecido. Para que ele possa “deixar aprender” é preciso que ele próprio aprenda a desaprender

tudo que lhe foi dado saber sobre o que é ser mestre. Por isso, repetimos com Heidegger (1964, p. 128): “O mestre possui em relação aos aprendizes, como único privilégio, ter que aprender, todavia muito mais que eles: o deixar-aprender [...]”. Esse “deixar aprender” é se dispor a essa insegurança de ter de sempre de novo aprender a ser mestre. Insegurança que se traduz na própria dinâmica do existir, pela qual o ser humano concretiza as suas possibilidades de ser.

Tentando vivenciar essa virtude do “deixar aprender” é que nós elaboramos nossas atividades de ensino. Ao nos regermos pelo princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, na condição de professoras, constantemente temos que aprender o desaprender, ou seja, romper com a segurança e a familiaridade dos fatos e razões do cotidiano acadêmico, para sempre descobri-lo em um novo fazer. Quando nos empenhamos em ensinar o que aprendemos em nossas atividades de pesquisa e extensão, partimos da compreensão de que todos nós (professores, alunos, comunidade externa) compartilhamos do mesmo mundo, que todos nós estamos condicionados à necessidade de termos de nos recriar sempre de novo, a partir de nós mesmos, dada a natureza estritamente finita da nossa existência humana.

O ensinar cunhado por Heidegger como “deixar-aprender” ressoa na nossa experiência concreta como um cuidar para que cada aluno se aproprie da existência desde o que a existência tem de mais essencial: o que a revela como pura possibilidade de ser. Ao nos abirmos a essa necessidade de sermos essencialmente o que somos, tornamo-nos capazes de perceber o outro desde onde essencialmente ele é e está sendo. É essa compreensão que está em jogo quando enfatizamos a participação dos nossos alunos nas atividades de extensão. Acreditamos que é nesse âmbito de abertura que se torna possível conceber uma formação, que contemple a integralidade da pesquisa científica e da própria existência humana, despertando a sensibilidade do aluno em sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Uma ormação que seja, essencialmente, a expressão da

necessidade de simplesmente sermos o que somos: finitude, por fazer, possibilidade. O fenômeno da serenidade, do qual nos falam Eckhart e Heidegger, não é senão o deixar ser essa necessidade radical de simplesmente ser. Deixar ser que para nós se traduz no fazer mesmo das coisas da arte, tal como Rilke a compreende:

As coisas da arte são sempre resultado de ter estado a perigo, de ter ido até o fim em uma experiência, até um ponto que ninguém consegue ultrapassar. Quanto mais se avança, tanto mais própria, tanto mais pessoal, tanto mais singular torna-se uma vivência, e a coisa da arte é enfim a expressão necessária, irreprimível o mais definitivamente possível dessa singularidade... aí está a enorme ajuda das coisas de arte para a vida daquele que tem de fazê-las, que elas sejam uma síntese; a conta do rosário, na qual sua vida diz uma prece, o testemunho para ele mesmo, sempre renovado de sua unidade e veracidade, o qual realmente só para ele se volta, atuando anonimamente para fora, sem um nome dado, apenas como necessidade, como realidade, como existência. (RILKE, 2006, p. 26-27).

Conclusão

De volta ao princípio deste texto, poderíamos concluir: na experiência do fazer artesanal, que nós - professores e alunos – compartilhamos com a comunidade, somos assolados pela nossa condição de sermos sempre e apenas a insistência de “um por fazer”. E nessa nossa experiência compartilhada, sempre iremos descobrir novas formas para o tecido, para a linha, o barbante, para as garrafas descartáveis... todas igualmente sem nome, *apenas como necessidade, como realidade, como existência*. Parece até Jesus dizendo à Marta: “*Unum est necessarium*” (Lc 10,42), ou seja, apenas uma coisa é necessária: ter a experiência radical da condição da nossa existência, ou seja, ter sempre de novo a experiência da perda dos modos determinados, com a qual cotidianamente lidamos com o mundo. E ser sem um modo determinado, é poder ser todos os modos. É abrir-se à eterna novidade do mundo: “Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo” (Fernando Pessoa, O guardador de rebanhos, II. O meu olhar).

REFERÊNCIAS

BOSCO, Dom. O Sistema Preventivo na Educação da Juventude. Turim, 1877. In: CORTES, Efigênio Leal. **A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos**. São Paulo: Salesiana, 2005.

ECKHART. Mestre. **Sermões alemães**. Petrópolis: Vozes, 2006. v.1.

HEIDEGGER, Martin. **?Qué significa pensar?** Buenos Aires: Editorial Nova, 1964.

HEIDEGGER, Martin. **Sérénité**. Paris: Gallimard, 1976.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Circulo do Livro, 1989.

MELO NETO, João Cabral. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

PESSOA, Fernando. (Alberto Caeiro). **O guardador de rebanhos**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000001.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2014.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas do poeta sobre a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas Sobre Cézanne**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.